

O saneamento teórico das "novas narrativas" e a atuação do GENN na configuração epistemológica dessa área de estudo

Victor Aquino

Resumo: As “novas narrativas” tem sido objeto, principalmente em universidades dos Estados Unidos, do Canadá e da União Europeia, de opiniões ligeiras, discussões superficiais, “achismos” e publicações com temas inconsistentes e banais. Dentre a profusão de livros em língua inglesa, principalmente, localizam-se incontáveis trabalhos de autoria de Maria Gertrudis Bal, professora holandesa conhecida como “Mieke Bal”, cuja obra, repetitiva e carente de suporte teórico no campo da teoria literária, tem feito aumentar significativamente novas produções editoriais de outros autores, com iguais características. Desde a criação do GENN (Grupo de Estudos de Novas Narrativas), sob liderança do professor doutor Paulo Nassar, o rigor e a disciplina desses estudos estão focados no esforço de configuração de um campo epistemológico, como justificação de sua sólida e consistente utilidade.

Palavras-chave: Novas narrativas, literatura, teoria literária, cultura, memória, história, Paulo Nassar, GENN, Mieke Bal.

Abstract: — "New narratives" has been the subject, especially in universities in the United States, Canada and the European Union, of light opinions, superficial discussions, "guesses" and publications with inconsistent and banal themes. Among the profusion of books in English, mainly located countless works by Maria Gertrudis Bal, Dutch teacher known as "Mieke Bal," whose work, repetitive and lacking in theoretical support in the field of literary theory, has made increasing significant new editorial productions of others, with the same characteristics. Since the creation of GENN (Group of Studies in New Narratives), under the leadership of Professor Dr. Paul Nassar, rigor and discipline of these studies are focused on the configuration effort of an epistemological field, as justification for its solid and consistent use.

Keywords: "New narratives", literature, literary theory, culture, memoire, history, Paulo Nassar, GENN, Mieke Bal.

Eu escrevo. Não sou um teórico da escrita. Apenas escrevo. E o faço com certa disciplina há mais de duas décadas. Interessa-me tudo que tenha como origem a explicação dos sentidos e da natureza da escrita. Em outras palavras, tudo que se relacione com a literatura. Parafraseando um romancista brasileiro contemporâneo, de grandes méritos, também posso repetir que “não vivo de escrever, mas vivo para escrever”.¹¹⁶

¹¹⁶ Frase repetida pelo escritor Sinval Medina, autor, entre outros, de **A faca e o mandarim, O herdeiro das sombras e Tratado de altura das estrelas**.

Nessa condição, portanto, tenho acompanhado com vivo interesse os desdobramentos do papel, da função e das serventias da literatura. E há algo que me chama a atenção nesses tempos em que todos têm amplo acesso aos mecanismos de criação e expressão, oferecidos por novos meios, novas tecnologias e, sobretudo, a um vasto campo de exploração daquilo que antes não existia.

Há um aspecto muito positivo em tudo isso. Pois a ampliação do acesso, a facilidade de manejo de novas ferramentas, as infinitas oportunidades de criar, certamente, são estímulo ao desenvolvimento da cultura e da Civilização. Mas há também um aspecto muito preocupante. Como são praticamente infinitas as possibilidades de uso desses novos meios, que se oferecem sem restrição alguma, também são infinitas as possibilidades de se ver, ouvir, ler e assistir bobagens. Principalmente na web.

Não só bobagens.

Novas narrativas. Novas? Ou apenas designação de alguma coisa que existe há muito tempo na Civilização. Algo que nada mais é do que consequência própria da contemporaneidade, em renomear, reinventar, recriar, redizer ou dizer de outro modo o que já existe? Circunstância que está relacionada às tecnologias de uso pessoal que levaram ao acesso aos novos modos de expressão. Os quais, por sua vez, terão ensejado abundância de conteúdos literários, que se espalham e se multiplicam por todas as formas e suportes disponíveis.

Toda essa discussão em torno de uma atividade humana de natureza literária como prática de difusão criativa, esforço de preservação da memória, ou retorno a uma experiência muito antiga na transmissão de conteúdos de geração em geração, não chega a ser nada novo, nem item de discussão autônoma. Deu-se o nome de "novas narrativas" a algo que nada mais é do que sempre foi conhecido como literatura. Igualmente, tenha a destinação que tiver, como literatura, o processo narrativo não se desvincula de sua destinação, nem se emancipa dos mesmos problemas que cercam a literatura, ou tampouco assume características próprias, distantes das formas e estilos literários conhecidos.

Aliás, quando li os primeiros trabalhos que abordavam a questão das "novas narrativas" — e isto aconteceu lá pelos anos de 1980 — a primeira sensação que tive foi despertada por uma indagação: "e a teoria literária onde se situa em todo esse universo de estudo?" Sim, porque tudo que eu acabava de ler para um trabalho na disciplina Sociologia da Literatura Fantástica, circunscrevia-se a esse universo. Eu cursava aquela disciplina, durante o doutorado em Sociologia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Conversei em particular, antes de uma aula, com o inesquecível Prof. Dr. Ruy Galvão de Andrada Coelho. Eu

acabara de ler ***Story and discourse: narrative structure in fiction and film***,¹¹⁷ para o trabalho final que estava redigindo: "*A realidade é fantástica. A fantasia, real*", a seguir publicado em um periódico no departamento no qual eu trabalhava na época.¹¹⁸

O professor Ruy Coelho soltou uma sonora gargalhada e disse: "você tem que aprender a conviver com o reinventores de roda". Claro, tudo que se publicava sob o manto da chamada "estrutura narrativa", nada mais era do que, como Waldenyr Caldas mais tarde comentaria no seminário daquela disciplina, "café requentado". O próprio professor ressaltou diversas vezes que "tudo que se insere em uma narrativa literária nada mais é do que um agregado de sentidos". Claro, tudo isto faz parte de um acervo de memória pessoal deste autor, mas que ainda é importante na tentativa de reconstituição dos fatos que levaram à "subscrição" de uma "área de estudos" que nem chega a ser área, muito menos área nova de estudos. Simplesmente porque sempre existiu.

Na mesma época, um artigo publicado em ***Poetics today***,¹¹⁹ trazia uma interessante discussão acerca da natureza da leitura ficcional. Cujos conteúdos coincidem muito mais com expectativas do leitor do que a proposta autoral. O que, em outras palavras, nos tempos que correm, que muitos imaginam que escrituras sobre histórias familiares, de empresas, de igrejas, de produtos e assim por diante, são fartos mananciais bibliográficos de utilidade organizacional, de acervo histórico ou promocional. Obra da qual se extrai uma conclusão muito atual.

Em 1985, um livrinho produzido na Universidade de Toronto, torna o que ele denomina de "narratologia", escrachadamente, numa coisa que já existe.¹²⁰ O tempo inteiro, discorrendo sobre "narrativa", raramente se referindo a literatura, esboça algumas "ideias" às quais denomina "teoria". Relendo hoje aquele texto, começa-se a intuir sobre a origem de toda essa verdadeira "babel" construída em torno da literatura.

Pessoalmente, entendo que a grande responsável por essa mudança de rumo, confundindo conceitos e definições consolidados pela tradição, terá sido uma pesquisadora conhecida como Mieke Bal. Quem, aliás, traduziu o texto original citado de Christine Boheemen. Uma consulta rápida na web revela que Mieke Bal é uma das principais, se não for esta a

¹¹⁷ Chatman, Seymour. ***Story and discourse: narrative structure in fiction and film***. Ithaca, Cornell University Press, 1980.

¹¹⁸ Correa, T. G. "A realidade é fantástica. A fantasia, real". ***Uma Questão Editorial*** / CJE-ECA-USP, v. 3, p. 3-17, 1980.

¹¹⁹ Hrushovski, Benjamin. "The fictional text and the reader", in ***Poetics today***, 1 (4) : 4-220, Summer 1980. Tel Aviv, Tel Aviv University, The Porter Institute for Poetics and Semiotics.

¹²⁰ Boheemen, Christine van. ***Narratology: introduction to the theory of narrative*** (trad. De Mieke Bal). Toronto. Toronto University Press, 1985.

principal autora de textos sobre a tal "narratologia". São centenas e centenas de papers, livros, capítulos, traduções, notas, comentários, comunicados em congressos de sua autoria.

Mieke Bal é o nome pelo qual é conhecida no mundo acadêmico Maria Gertrudis Bal, nascida em 1946, na Holanda. Estudou língua e literatura francesa, graduando-se em letras modernas pela Universidade de Amsterdam, onde obteve também, em 1969, um mestrado em linguística. Mais tarde obteria um doutorado em literatura comparada pela Universidade de Utrecht. Até o fim dos anos de 1990, esteve ligada à Universidade de Rochester.

O que mais chama a atenção no currículo dessa senhora é o extenso espectro de especialidades em que afirma atuar: literatura comparada, semiótica, linguística, poética, história cultural, televisão, arte e assim por diante. Com destaque sempre evidente para essa controversa denominação de "narratologia". Conhecendo-se como se conhecem os rigores de uma certa agência brasileira de pós-graduação e pesquisa, certamente que no Brasil, por mais notável, inovadora, curiosa e "especialista" que ela seja, dificilmente receberia as "pontuações" de praxe pela respectiva produção acadêmica.

Tudo isso chega a ser um pouco irritante. Irritante, porque se isto tudo tem origem em uma universidade brasileira, a primeira coisa que se ouve de pessoa em semelhante situação é a de que se trata, em termos locais, de um ou uma "picareta". No entanto, essas coisas todas têm origem na velha Europa, na União Europeia, onde aparentemente não faltam recursos para produzir qualquer coisa. Pior, muito pior ainda, é assistir a um certo "amancebamento" entre tais despautérios cometidos por intelectuais europeus e a sucedânea adesão de acadêmicos norte americanos. Sim, porque nem só se criam neologismos, se reinventam termos para ensejar a configuração de uma área "nova" do saber (que de nova, como se disse, não tem nada), e a apropriação dessa área, quase assim como um quintalzinho particular.

Em um verbete na Wikipédia, Maria Gertrudis "Mieke" Bal, de 69 anos, é citada como teórica da cultura, vídeo artista, professora emérita de teoria literária, cofundadora da Escola para a Análise Cultural, na Universidade de Amsterdam. Afirma o mesmo verbete que ela é autora de mais de trinta livros sobre "vários" assuntos, incluindo pesquisas de interesse bíblico, antiguidade clássica, arte moderna, literatura contemporânea, feminismo, distúrbio mental e culturas migratórias.

Cita ainda o primeiro trabalho em que explicita o termo "narratologia".¹²¹ Sem citar a origem editorial, ocorrida em 1985, o mesmo verbete faz imediatamente referência à segunda edição do referido livro. Quer dizer, um "importante" trabalho sobre o que chama de

¹²¹ Bal, Mieke. **Narratology: introduction to the theory of narrative**. Toronto, Toronto University Press, 1997, 2nd ed.

“sistematização do estudo das narrativas”, em que adota “conceitos estruturalistas e termos como ferramentas para análise de histórias” (SIC) ¹²² E tudo parece um “grande arranjo” entre participantes de uma mesma “instituição”, sejam europeus, norte americanos, canadenses.

O mesmo verbete, por sinal, avança também sobre outras informações da vida acadêmica dessa senhora. Diz, por exemplo, que “recentemente, Bal completou uma trilogia de obras sobre a arte política. Especificamente, ela procura entender como a arte pode ser politicamente eficaz sem aderir a causas políticas específicas. Em cada um desses livros, ela enfoca a obra de um artista individual e o modo como foi escolhido. Assim, em 2010, analisa a obra da escultora colombiana **Doris Salcedo**. Em **Thinking in film**, de 2013, analisa as instalações de vídeo de artista finlandesa Eija-Liisa Ahtila. Também em 2013, analisa **Loucura sem fim**, a propósito das intervenções da artista belga Ann Veronica Janssens”.

Meus comentários, sobre o que tenho descoberto na web sobre a pessoa em questão, pode até parecer a opinião de alguém muito ressentido, invejoso, despeitado. Mas não. Estou me colocando no lugar de alguém que já deveria ter assumido essa posição, por causa da impostura acadêmica, em vez de contribuir para que neste coitado pedaço do mundo “desassistido”, permaneça-se sempre a achar bonito tudo que vem da Europa, dos Estados Unidos, do Canadá. Também não é oposição gratuita à dona Maria Bal. É, sim, um alerta aos colegas que trabalham com literatura, para que pensem bastante acerca dessa questão. Literatura é literatura. Teoria literária é teoria literária. Leitura é leitura. Contar uma história, em qualquer gênero literário, é literatura. Tenha essa literatura o destino que tiver. Seja ela utilizada até como comercial de cerveja. Como, por sinal, já ocorreu em campanhas publicitárias brasileiras.

Dona Maria Bal é a principal responsável por estar transformando os estudos literários nessa verdadeira “babel” de sentidos e significados, à qual continuam a aderir hordas imensas de intelectuais incautos, fracamente informados de um universo acadêmico semelhante ao nosso. Pesquisadores europeus, norte americanos e canadenses, certamente, dispõem de muito mais subsídio financeiro para realização de suas pesquisas. O que, via de regra, não ocorre conosco. É muito mais fácil, então, falar qualquer coisa, inventar qualquer coisa, parecendo sempre que se está inovando.

Na verdade, não existe uma circunstância que justifique o surgimento de uma “nova narrativa”, como quer outra dessas autoras, Maria Porges. ¹²³ Artista plástica, preocupada com a compreensão de seu trabalho, desenvolve extensa gama de explicações a respeito,

¹²² http://en.wikipedia.org/wiki/Mieke_Bal

¹²³ Porges, Maria. **The new narratology: examining the narrative in image – text and art**. Miami, W & P, 1989.

denominando esses textos como “literatura”. A arte de narrar qualquer coisa é literatura. Mas é literatura de um ponto de vista absolutamente tradicional, como são feitas e estudadas essas narrativas.

O mesmo problema colhe por inteiro outra autora, Evelyn Vitz.¹²⁴ Pois, imagine-se, uma situação de estudo em que, exceptuando-se as questões de gênero, ortografia e conteúdo, uma coisa não muda: o contexto literário. Todavia, talvez por conta das tecnologias que ampliaram o acesso de mais pessoas às circunstâncias criativas, a subordinação a uma área tradicional como a literatura, por exemplo, deve ter inibido pessoas que, sem origem ou formação em letras, pudessem colher o mesmo reconhecimento de alguém suprido do correspondente background. O que é uma bobagem, porque a expressão literária requer unicamente disposição para isso.

Mas tenho a impressão de que também uma tendência de configuração de terreno ou, como os gatos fazem, urinando em locais que desejam definir como seus, essa mania de “rebatizar” coisa antiga com um jargão novo, também é um modo de explicar uma área de atuação que alguém deseja “liderar”...

Semelhante a dona Maria Bal, que começou a carreira como docente responsável de uma disciplina denominada Estudos da Mulher, Na Universidade de Utrecht, convergindo depois para o terreno da literatura rebatizada como “narrativas”, Didier Coste também migrou de um canto a outro até se “envolver” com o mesmo assunto.¹²⁵ Esse autor é um consagrado professor de literatura comparada na Universidade Bordeaux-Montaigne, conhecido internacionalmente pelas obras de teoria literária, crítica, estilística e gêneros da literatura. Nem por isso terá ficado imune do vírus das “narrativas”. Em 1989 publicou essa obra, na qual mistura narrativas com comunicação, história e, claro, teoria literária.

Como igualmente foi inoculado pelo mesmo vírus, o professor Shlomith Rimmon-Kenan, outro conhecido pesquisador da arte literária, que praticamente não resistiu ao assédio da busca por mais mais ampla “popularidade” no meio acadêmico, publicando também ele um livro sobre literatura ficcional, sob a égide da “narrativa”.¹²⁶ Ora, todos esses eventos servem para indicar que depois dessa verdadeira confusão criada por dona Maria Bal, o mundo acadêmico acabou ensejando oportunidade e espaço para essa verdadeira aberração que é a nomenclatura das chamadas narrativas, para designar o que sempre existiu como publicidade.

¹²⁴ Vitz, Evelyn. **Medieval narratives and modern narratology: subjects and objects of desire**. New York, New York University Press, 1989.

¹²⁵ Coste, Didier. **Narrative as communication: theory and history of literature**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1989.

¹²⁶ Rimmon-Kenan, Shlomith. **Narrative fiction: contemporary poetics (new accents)**. London, Routledge, 2002, 2nd ed.

Em 2007, Catherine Kohler Riessman, publicou “métodos narrativos para ciências humanas”.¹²⁷ O que me parece muito útil, com aplicabilidade de interesse a um sem número de campos de estudo. Contudo, outra vez sou forçado a reclamar. Houve algum problema, seja relacionado à falta de glamour dos estudos literários, seja à pretensa inserção glamourosa dessa assim chamada área das “novas narrativas”, o certo é que uma quantidade enorme de estudiosos, literalmente, bandeou-se para a nova área.

Chega-se então a 2008, folheando-se o livrinho de Rick Altman, com o sugestivo título de “teoria da narrativa”.¹²⁸ Ele, de fato, discorre sobre uma teoria para o estudo das tais “narrativas”. Professor do departamento de cinema da Universidade de Iowa, com origem acadêmica no campo da literatura comparada, dedica-se há muito tempo ao estudo do cinema, sendo reconhecido por isso. Mas no momento em que propõe uma “teoria da narrativa”, nada mais faz do que transpor o que se conhece por teoria da literatura para esse terreno.

A senhora Bal Mieke, que insiste na configuração desse campo, tendo já republicado a obra inicial em que o “batizara” em 1985, retornando com o mesmo título em 1997,¹²⁹ retorna com o mesmo “*bouquin*” em 2009.¹³⁰ É no mínimo bizarro. Mais bizarro ainda por se verificar que, cada vez mais, um mesmo texto sobre literatura, reaparece mais distante da área original.

Prestando atenção sobre a origem editorial de todas essas obras, vai se perceber que a maioria delas nasce, cresce e permanece circunscrita à esfera das editoras universitárias. Como é um dos casos mais recentes, sobre conceitos e discussões sobre o campo das narrativas.¹³¹ Todos falam de “teoria”. Mas teoria há nenhuma. Todos tentam explicar a coisa longe da literatura, mas não há suporte teórico possível para isto. No fim se é obrigado a desconfiar que não há preparo formal desses autores para lidar com literatura.

Isto do ponto de vista acadêmico. Mas do ponto de vista da expressão literária, por exemplo, não há reserva para ninguém. Qualquer pessoa, medianamente alfabetizada, que deseje contar qualquer coisa a sua maneira, pode fazê-lo. Para isto não há necessidade de explicação teórica. Até porque a criação literária é inerente à Civilização e, como tal, a cada ser humano.

¹²⁷ Riessman, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. New York, SAGE, 2007.

¹²⁸ Altman, Rick. **A theory of narrative**. New York, Columbia University Press, 2008.

¹²⁹ Bal, Mieke. **Narratology: introduction to the theory of narrative**. Toronto, Toronto University Press, 1997, 2nd ed.

¹³⁰ Bal, Mieke. **Narratology: introduction to the theory of narrative**. Toronto, Toronto University Press, 2009, 3rd ed.

¹³¹ Herman, David; Phelan, James; Rabinowitz, Peter J.; Richardson, Brian; Warhol, Robyn R. **Narrative theory: core concepts and critical debates**. Columbus, Ohio State University Press, 2012.

Lígia Fagundes Telles,¹³² em um café acadêmico realizado pelos alunos de publicidade na Escola de Comunicações e Artes, em 2000, começava dizendo por brincadeira: “com essas tecnologias que estão surgindo todos começam a aparecer como escritor, mas o que eu quero mesmo são leitores...”

Claro, uma brincadeira que levou todos a gargalharem. Mas o que ela estava dizendo é que, cada vez mais, mais pessoas podem se expressar, contar, narrar, escrever o que desejam. E isto é muito bom. O que trunca o processo é a sanha persistente de mudar o nome das coisas, dizer de outro modo o que sempre se disse de uma certa maneira e, com isto, truncar também os estudos que fazem o conhecimento avançar.

Mark Currie publica um dos últimos trabalhos sobre narrativas.¹³³ O trabalho pode até ser considerado bom. Mas é incompleto justamente pela persistente ausência de tratamento do assunto como literatura.

Para concluir, duas pequenas observações sobre a origem desses livros, que nascem sob a égide das editoras universitárias e ficam estancados por aí mesmo. Quem trabalha com livros sabe muito bem que editora universitária é um pouco cemitério de ideias. Elas nascem para ficarem aí mesmo. Seja nos Estados Unidos, seja na Europa, seja ainda no Canadá, o perfil é o mesmo.

A segunda observação diz respeito ao que aparece com frequência na web. Em um verbete existente na Wikipedia há um revelador indício sobre o despreparo vernacular de alguém que se “atreve” a explicar o que é “narration”.¹³⁴ Mesmo imaginando saber alguma coisa em uma área sobre a qual desconhece absolutamente tudo. Pior, valendo-se dessa oportunidade de acesso ilimitado e condição generalizada de dizer qualquer coisa, resolve “ensinar” algo “novo” na esfera da presente discussão: “narration”. Ora, vejam!

Muito feio, por sinal. O próprio Wikipedia assinala os equívocos e a desinformação do autor:

“Eu acredito que este artigo informa alguma coisa. No entanto, tem um grande problema: aquilo a que se refere nada tem realmente a ver com um assunto do ponto de vista literário; no sentido teórico! O artigo descreve diferentes "tipos de narração", segundo diferentes "pontos de vista"! Verdade, claro, que quem narra, por vezes pode remeter a algum "ponto de vista". Porém, no uso impreciso dos termos, um artigo sobre um conceito literário não deve reproduzir coisas assim tão comuns, tão banais. Até os anos de 1960 ou 1970, a teoria literária não distinguia teoricamente tipos de

¹³² Escritora brasileira, 92 anos, Prêmio Camões 2005, Cadeira número 28 da Academia Paulista de Letras, Membro da Academia de Ciências de Lisboa, autora, entre outros, de *As horas nuas*, *Ciranda de pedra*, *As meninas* e *A caçada*.

¹³³ Currie, Mark. *The unexpected: narrative temporality and the philosophy of surprise*. Edinburg, Edinburg University Press, 2015

¹³⁴ <http://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Narration>

narradores, ainda que, de Genette¹³⁵ para frente, estes têm sido comumente considerados em diferentes conceitos. (As definições e os conceitos de narrativa que envolvem POVs têm, é claro, como qualquer outro conceito teórico sido contestadas. Seria apreciável que alguém deseje escrever mais completamente sobre este assunto. Mas não vejo isto como urgente”.

Qual terá sido a razão que me levou a transcrever o trecho acima? Ora, simplesmente porque o trecho, uma anotação da própria equipe da Wikipedia que se encontra na Internet, corrobora tudo que escrevi até aqui. Amadorismo, falta de base, conhecimento rasteiro, suposições, aproveitamento das novas oportunidades de expressão, mediante as quais se expressa qualquer coisa, enfim, tudo que contribuiu para transformar um tema de altos estudos literários em ligeira ferramenta de uso prático.

No entanto, toda confusão em torno do assunto, como toda profusão de (des)informações produzidas principalmente pela redundância de suportes, entre os quais se localizam aqueles que são totalmente utilizáveis e aqueles sem utilidade nenhuma — enseja a atuação de cérebros que possam discernir o que pode ser de valia acadêmica, e o que não pode.

Esta é a razão pela qual eu, pessoalmente, tributo grande confiança ao trabalho do professor doutor Paulo Nassar que, no conjunto dos pesquisadores locais do GENN (Grupo de Estudos em Novas Narrativas), os quais poderão recriar teoricamente, seja a partir do grupo localizado na Escola de Comunicações e Artes da USP, seja daquele constituído de colaboradores interessados e dedicados na ABERJE, um campo de estudos de complexa utilidade fora dos limites da literatura propriamente dita.

Pois até hoje o que faltou realmente foi a condução segura de um líder acadêmico, voltado principalmente para a criação e o desenvolvimento de uma área de estudos consistente. Qualificação que sobre no professor doutor Paulo Nassar. Ao contrário, por exemplo (para citar um único exemplo), do que ocorre com o grupo da Ohio University. Recentemente organizaram um congresso, dito internacional, aceitaram milhares de inscrições, não tiveram critério na aceitação de trabalhos, que sobram aos milhares, mas ficaram depois com os e-mails de cada pesquisador mundo afora, para quem começaram a oferecer assinaturas de revistas e outros produtos. Isto é muito feio. Além do que, a área de estudos continuou sem o necessário suporte, sem as discussões pertinentes e tampouco sem a sempre esperada consolidação.

O GENN tem agora a missão de realizar, precisamente, esta missão.

¹³⁵ Genette, Gerard. *Figures of literary discourse*. New York. Columbia University Press, 1984.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altman, Rick. ***A theory of narrative***. New York, Columbia University Press, 2008.
- Bal, Mieke. ***Narratology: introduction to the theory of narrative***. Toronto, Toronto University Press, 1997, 2nd ed.
- Bal, Mieke. ***Narratology: introduction to the theory of narrative***. Toronto, Toronto University Press, 2009, 3rd ed.
- Boheemen, Christine van. ***Narratology: introduction to the theory of narrative*** (trad. De Mieke Bal). Toronto. Toronto University Press, 1985.
- Chatman, Seymour. ***Story and discourse: narrative structure in fiction and film***. Ithaca, Cornell University Press, 1980.
- Correa, T. G. "A realidade é fantástica. A fantasia, real". ***Uma Questão Editorial*** / CJE-ECA-USP, v. 3, p. 3-17, 1980.
- Coste, Didier. ***Narrative as communication: theory and history of literature***. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1989.
- Currie, Mark. ***The unexpected: narrative temporality and the philosophy of surprise***. Edinburg, Edinburg University Press, 2015
- Genette, Gerard. ***Figures of literary discourse***. New York. Columbia University Press, 1984.
- Herman, David; Phelan, James; Rabinowitz, Peter J.; Richardson, Brian; Warhol, Robyn R. ***Narrative theory: core concepts and critical debates***. Columbus, Ohio State University Press, 2012.
- Hrushovski, Benjamin. "The fictional text and the reader", in ***Poetics today***, 1 (4) : 4-220, Summer 1980. Tel Aviv, Tel Aviv University, The Porter Institute for Poetics and Semiotics.
- Porges, Maria. ***The new narratology: examining the narrative in image – text and art***. Miami, W & P, 1989.
- Riessman, Catherine Kohler. ***Narrative methods for the human sciences***. New York, SAGE, 2007.
- Rimmon-Kenan, Shlomith. ***Narrative fiction: contemporary poetics (new accents)***. London, Routledge, 2002, 2nd ed.
- Vitz, Evelyn. ***Medieval narratives and modern narratology: subjects and objects of desire***. New York, New York University Press, 1989.
- http://en.wikipedia.org/wiki/Mieke_Bal
- <http://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Narration>